

A ocupação de espaços pelas línguas de imigração alemã

Jussara Maria Habel

Submetido em 23 de agosto de 2016.

Aceito para publicação em 01 de dezembro de 2016.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 52, dezembro de 2016. p. 211-230

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

(a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.

(b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.

(c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.

(d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Sexta-feira, 30 de dezembro de 2016

23:59:59

A OCUPAÇÃO DE ESPAÇOS PELAS LÍNGUAS DE IMIGRAÇÃO ALEMÃ

THE OCCUPATION OF SPACES BY GERMAN IMMIGRATION LANGUAGES

Jussara Maria Habel[□]

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar a ocupação de espaços pelas línguas de imigração alemã, o hunsriqueano e o boêmio, em uma comunidade específica do Rio Grande do Sul, no Brasil. Este estudo destaca dois termos utilizados na sociolinguística para definir o espaço ocupado pelas línguas de imigração: ilhas linguísticas (ROSENBERG, 2003) e territorialidades linguísticas (ALTENHOFEN, 2014). O conceito de 'ilha linguística' surge com a tradição de pesquisas alemãs e já foi muito utilizado em pesquisas sociolinguísticas brasileiras. Recentemente, a terminologia foi sendo substituída por 'territorialidades linguísticas', devido os diversos contextos de línguas em contato. A ocupação destes espaços possibilitou a formação de áreas multilíngues, nas quais os falantes se comunicam em até três línguas.

PALAVRAS-CHAVE: Ilhas Linguísticas; Territorialidades; Línguas de Imigração; Boêmios.

ABSTRACT: The purpose of this text is to demonstrate the occupation of spaces by German immigration languages, Hunsrückisch and bohemian, in a specific community of Rio Grande do Sul state, Brazil. This study highlights two terms used in sociolinguistics to define the space occupied by the immigration languages in Brazil: language islands (ROSENBERG, 2003) and language territorialities (ALTENHOFEN, 2014). The concept of 'language islands' rises from the German researches tradition and has been widely used by Brazilian sociolinguistic researchers. Recently, the terminology has been replaced by 'linguistic territorialities' because of the different contexts of languages in contact. The occupation of these spaces enables the formation of multilingual areas where the speakers communicate with each other in up to three languages.

KEYWORDS: Language islands; territorialities; Language Immigration; Bohemians.

1. Introdução

[□] Mestranda em Sociolinguística no Programa de Pós-graduação do Instituto de Letras da UFRGS. Bolsista CAPES. E-mail: jussarahabel@ufrgs.br.

A temática abordada neste trabalho surge através da observação e dos estudos relacionados às línguas brasileiras de imigração, consideradas também línguas minoritárias. As línguas faladas pelos descendentes de imigrantes europeus, os quais se instalaram na região sul do Brasil, são de minorias, ou seja, de pequenos grupos que se utilizam, ainda hoje, de diferentes variedades linguísticas.

Neste contexto de línguas em contato pretende-se descrever, de forma mais detalhada, a ocupação dos espaços linguísticos da variedade do hunsriqueano (*Hunsrückisch*) e do boêmio (*Böhmisch*) em Paverama, Rio Grande do Sul, Brasil. A variedade de fala dos hunsriqueanos é uma variedade regional do alemão, no Rio Grande do Sul, constituída por um contínuo dialetal que remete a uma base de origem franco-renana e moselana que engloba elementos específicos do contato linguístico com outras línguas, segundo Altenhofen (1996, p. 27). Já os falantes de boêmios no Brasil, conforme HABEL (2016, p. 116), são grupos descendentes de imigrantes vindos da região da Boêmia, atual República Tcheca. Esta matriz de partida, na época da emigração, pertencia ao antigo Império Austro-húngaro (1867-1918), o que os identifica como ‘austríacos’ em algumas comunidades de fala. No entanto, a origem linguística destes falantes é do bávaro porque migraram inicialmente da Bavária para a região da Boêmia e, após, para o Sul do Brasil.

Este estudo contribui para as crescentes pesquisas em desenvolvimento sobre o plurilinguismo¹, os contatos linguísticos e a variação linguística presente em nosso meio. Para tanto, queremos refletir sobre alguns processos decorrentes dos contatos linguísticos em áreas ocupadas pelas línguas de imigração alemã, fazendo o seguinte trajeto: percorrer o conceito de ‘ilhas linguísticas’ na seção 2, o conceito de territorialidades na seção 3 deste texto e, por fim, apresentar a comunidade de fala em estudo. Sobre ‘ilhas linguísticas’ muitos autores, principalmente da linguística europeia, já escreveram trabalhos consideráveis. Nesta seção 2, pretende-se mostrar como e em que situação os autores pesquisados se referem ao termo *ilha linguística* para descrever determinada área ocupada por algum grupo linguístico, muitas vezes, em áreas isoladas inicialmente e, após alguns anos, convivendo em contato com outra variedade linguística. Porém, quando falamos em ‘territorialidades’, destacamos a concepção de Altenhofen (2014, p. 73) que define o termo como “o espaço de uso real ou potencial de uma variedade ou variante linguística”.

No entanto, o termo também pode ser entendido como um espaço multilíngue, ou seja, uma área onde há muitas línguas. Neste sentido, a abordagem de ‘ilhas linguísticas’ no Brasil já não contempla mais o contexto atual das línguas de imigração alemã em contato, conforme veremos na próxima seção. O que se percebe são territorialidades que sofreram uma assimilação linguística e cultural, praticamente

¹ O plurilinguismo é a habilidade que o indivíduo tem para se constituir plural através da diversidade linguística/multilinguismo presente na sociedade (conf. ALTENHOFEN, 2013).

igualando os grupos de falantes boêmios aos falantes da variedade hunsriqueana. Para definir melhor o que são e como se formaram as territorialidades linguísticas dos boêmios, necessitamos de mais estudos, os quais devem ser interdisciplinares, pois envolvem, além da sociolinguística, a história, a etnografia e a dialetologia.

2. Ilhas Linguísticas

Antes de partir para a definição de ilha linguística torna-se necessário analisar também o contexto histórico deste termo utilizado na linguística, mais especificamente na Disciplina de Sociolinguística. Saber um pouco mais sobre *onde e porque* esta terminologia surgiu. Mas, já sabemos que também existem outros termos que foram utilizados para abordar ‘ilha linguística’ como, por exemplo, minorias linguísticas ou áreas bilíngues (KOCH, 1996), ou ainda, espaços linguísticos descontínuos (RIEHL, 2010). Porém, a terminologia também pode variar conforme o autor / pesquisador ou a área de estudos (sociologia, dialetologia ou geografia).

Na linguística brasileira também encontramos divergências quanto à nomeação desta situação de ocupação dos espaços pelas línguas minoritárias. Koch (1996, p. 311) afirma que as áreas pesquisadas no Rio Grande do Sul representariam, preferencialmente, áreas ou zonas bilíngues. A motivação em busca de outro termo seria em função da heterogeneidade de diferentes variedades alemãs que conviviam muito próximas umas das outras e, neste sentido, por motivos sociais e econômicos, teriam formado uma língua de comum entendimento, uma *coiné*². Principalmente nas colônias velhas (colônias pioneiras, como por exemplo, São Leopoldo, Novo Hamburgo, entre outras, conforme dados do Projeto ALMA-H³), como podemos acompanhar na citação abaixo, havia muitas áreas bilíngues formadas por diferentes grupos que se comunicavam em diversas línguas.

Allein schon aus siedlungsgeschichtlichen Gründen kann diese jedoch wenigstens in den „älteren Kolonien“ nicht die Einheitlichkeit einer innerdeutschen Mundart besitzen, da spätere Schübe von Schlesiern, Böhmen und Sachsen z. B. eine ostmitteldeutsche Färbung in die Sprache des westlichen Teils dieser Kolonien brachte. Erst in den von diesen räumlich getrennten Tochttersiedlungen, die seit dem Beginn des Jahrhunderts weiter im Norden entstanden, verwischen sich die Unterschiede so stark, dass hier

² Processo decorrente do contato linguístico que surge através de um nivelamento entre variedades dialetais parecidas, como ocorreu com a variedade hunsriqueana (*Hunsrückisch*). Para mais informações conferir Gilles, 1998.

³ Ver mais em: <http://www.ufrgs.br/projalma/metodologia/pontos.html>. Acesso em 22/11/2016.

ehrer von einer einheitlichen Koiné gesprochen werden kann. Beide Territorien unterscheiden sich folglich in Bezug auf den Grad des Dialektausgleichs.⁴ (KOCH, 1996, p. 311).

O autor reforça o conceito de áreas bilíngues no Rio Grande do Sul através do exemplo dos imigrantes boêmios, saxônios e silésios que teriam se instalado nas colônias velhas após 1860. Estes grupos teriam vindo com uma variedade dialetal mais *standard* em comparação aos alemães que já estavam instalados no Brasil desde 1824. Em consequência das diferentes variedades de fala os grupos de minorias se “aculturaram” para permitir a interlocução com os demais, formando assim um nivelamento linguístico.

O conceito de ilha linguística, conhecido por *Sprachinsel* em alemão, provém da tradição de pesquisas alemãs (Mattheier, 1996 e Edwards, 1990, *apud* RIEHL, 2010, p. 335). Porém, Rosenberg (2003) faz uma descrição mais detalhada em relação ao surgimento das pesquisas sobre as ilhas linguísticas⁵. No século XVI, segundo o autor, ocorrem os primeiros estudos relacionados a essa temática, os quais foram motivados pelo interesse em reconstruir as mudanças que ocorriam nas línguas. Isso foi possível porque eram pequenas comunidades com atividades comunicativas mais limitadas. As ilhas linguísticas alemãs estão rodeadas de intensos contatos pelo mundo afora, mas isso não se resume a um acontecimento linguístico exclusivo destas variedades. Comunidades de outras línguas também podem ser consideradas ilhas linguísticas se estiverem em uma área de contato.

Rosenberg (2003) tenta definir ‘ilha linguística’ e, em seguida, apresenta diferentes autores para melhor delimitar o conceito, conforme segue abaixo:

"Sprachinseln" sind Sprachgemeinschaften auf begrenztem Raum mit Sprachen oder Sprachvarietäten, die sich von der Sprache der Umgebung mehr oder weniger deutlich unterscheiden und mit denen ein Bewusstsein der eigenen Distinktivität verbunden ist, getragen durch ein dichtes kommunikatives Netzwerk (im Sinne von Milroy 1980 und Gumperz 1968),

⁴ Tradução minha: “Isoladamente por razões históricas, no entanto, ao menos nas “colônias velhas” pode não haver a homogeneidade de um dialeto alemão local, pois ali grupos posteriores de silésios, boêmios e saxônios, por exemplo, trouxeram uma coloração do meio-leste europeu para as línguas do lado oeste destas colônias. Apenas nestas áreas separadas de colônias novas, as quais surgiram mais ao norte desde o início do século, as diferenças se encontraram tão forte que aqui se pode falar de uma coine uniforme. Ambos os territórios conseqüentemente diferem em referência ao grau de nivelamento dialetal”. (KOCH, 1996, p. 311).

⁵ Disponível em: http://www.linguistik-online.de/13_01/rosenberg.html. Acesso em 05/08/2016.

das eher nach innen als nach außen gerichtet ist.⁶ (ROSENBERG, 2003, p. 275)

Sprachinseln sind räumlich abgrenzbare und intern strukturierte Siedlungsräume einer sprachlichen Minderheit inmitten einer anderssprachigen Mehrheit.⁷ (HUTTERER, 1982, 178 *apud* ROSENBERG, 2003, p. 275).

Sprachinseln sind punktuell oder areal auftretende, relativ kleine geschlossene Sprach- und Siedlungsgemeinschaften in einem anderssprachigen, relativ größeren Gebiet.⁸ (WIESINGER, 1983, p. 901 *apud* ROSENBERG, 2003, p. 275).

No Rio Grande do Sul se falava em ilhas linguísticas nas regiões de línguas de imigração em contato com a língua oficial (o português) porque isso envolvia diferentes períodos de migração (século XIX ou XX) e a origem regional das variedades também era outra na maioria das vezes, com exceção dos imigrantes que vieram da região do *Hunsrück*, próxima ao rio Reno. Os autores citados acima por Rosenberg (2003) definem ilha linguística seguindo o seguinte critério: áreas delimitadas, com uma ou mais comunidades de línguas minoritárias e uma comunidade de língua majoritária.

Rosenberg (2003) ainda reforça que os grupos minoritários residentes em uma área de contato percebem suas diferenças linguísticas em comparação aos grupos majoritários que convivem nas proximidades. As minorias tentam reforçar suas redes de contato internamente, partindo em busca de outros contatos (com grupos majoritários) somente quando for de extrema necessidade (econômica ou social). A língua e a cultura reforçam bastante os laços de confiança entre os indivíduos de seu grupo. Há relatos, conforme observações prévias realizadas em campo⁹, de falantes de alemão (*Hunsrückisch*) que afirmam ter preferência por representantes administrativos ou médicos que entendam ou falem sua língua materna, no caso a língua alemã. No entanto, sabemos que esta preferência e a liberdade de falar na língua de imigração nem

⁶ Tradução minha: “Ilhas Linguísticas” são comunidades de fala em áreas delimitadas com línguas ou variedades linguísticas que diferem mais ou menos da língua do meio e que são conscientes da própria distinção, apoiado por uma densa rede de comunicação (conforme Milroy 1980 e Gumperz 1968), que é dirigida para o interior, em vez de para o exterior.

⁷ Tradução minha: Ilhas Linguísticas são áreas delimitadas e estruturadas internamente com uma língua minoritária em meio à outra majoritária.

⁸ Tradução minha: Ilhas linguísticas são representações pontuais ou areais de comunidades relativamente pequenas e fechadas dentro de outras comunidades de fala, relativamente áreas maiores.

⁹ Observações de campo realizadas em agosto de 2016 na cidade de Paverama, RS, pela autora deste estudo.

sempre foi respeitada pelas autoridades brasileiras (GAELZER, 2013). Em meio aos relatos de falantes, Gaelzer (2013) descreve o que foi e porque ocorreu a lei do silenciamento e do apagamento da língua alemã (que, na verdade, ocorreu com todas as línguas consideradas estrangeiras no Brasil). De certa forma, o silenciamento ou a proibição das línguas estrangeiras ocorreu para desfazer a unidade cultural dos imigrantes que era vista pelas autoridades como perigosa devido ao cenário político e econômico dos países envolvidos em guerras ou conflitos políticos.

O cenário acima descrito aparece com outra coloração em Rosenberg (2003). Em seu estudo o autor afirma que desde o final do século 19, algumas ilhas linguísticas sofreram com a crescente pressão de autoridades nacionais e locais que lutavam pela “inclusão” dos grupos minoritários que falavam alguma língua considerada estrangeira. Esta “inclusão” dos imigrantes era realizada através das exigências, muitas vezes forçadas, para aprender a língua local (também considerada língua nacional). Vários locais, como a Hungria, Rússia, Polônia, Checoslováquia, América do Norte e também a América do Sul tiveram que enfrentar a inserção destes imigrantes na vivência local, o que se deu com a proibição da língua utilizada nas ilhas linguísticas em substituição pela língua do local. Esta exigência das autoridades locais quase sempre resultava na expulsão dos grupos que mantinham outra língua que não fosse a língua oficial (por exemplo, a expulsão de alemães da Checoslováquia). Na América do Sul, especialmente no Brasil, muitos alemães foram presos porque eram surpreendidos ao utilizarem línguas de imigração (sendo que o mesmo aconteceu com os italianos), pois não conseguiam se comunicar em português (GAELZER, 2013) já que as escolas eram construídas e mantidas pelos próprios imigrantes europeus.

O ensino da língua alemã foi proibido na época da nacionalização, durante o Estado Novo de Getúlio Vargas. As “chamadas escolas estrangeiras foram obrigadas a modificar seus currículos e a dispensar os professores que ensinavam a língua materna”, conforme Santos (2007, p. 67). Esta fase da história representou a proibição total das línguas estrangeiras no Brasil. Todos deveriam aprender a língua portuguesa e, com isso, esquecer sua língua materna e sua cultura que era considerada como “estrangeira”, ou uma ameaça para o país. Apesar das proibições e sanções citadas por Santos (2007, p. 70) os imigrantes conseguiram manter um pouco da língua de imigração e, talvez, por estes motivos tenham reforçado ainda mais as suas redes de contatos entre seus falantes. Os grupos mais interioranos conseguiram preservar melhor a cultura e a língua em função do isolamento, ou seja, um possível fortalecimento das ilhas linguísticas.

Assim como Rosenberg (2003), Riehl (2010) também relata que o termo *Sprachinsel* (ilha linguística) surgiu em 1847 para descrever uma comunidade de fala eslava em áreas de língua alemã, tendo como foco principal o surgimento destes enclaves. O objetivo destas pesquisas era descrever a área linguística para verificar possíveis mudanças causadas com o contato de diferentes línguas ou variedades. Além do mais, é importante analisar as situações do entorno, verificar se há ou não o contato com a matriz de origem e se o grupo mantém a cultura e as características que lhe são

próprias. E ainda, se estes grupos vivem isolados ou se eles mantêm o contato com a língua e a cultura do novo país.

As ilhas linguísticas de menonitas (alemães suíços) na França, por exemplo, se formaram devido às proibições religiosas na Suíça. Siebenhaar (2004) relata que as escolas que eram mantidas pelos alemães nestas áreas tiveram que inserir a língua francesa em seu currículo para não acabar fechando as portas. Neste contexto surgem as misturas de línguas (*Code-mixing*) e a opção em escolher a língua para o uso diário que os falantes acreditam dominar mais e melhor. O autor ainda destaca que a motivação religiosa também já não é mais suficiente para a manutenção da língua alemã, uma vez que os falantes dominam mais de uma língua, neste caso também o francês, e acabam escolhendo a língua majoritária na hora de assistir aos cultos religiosos.

Outro fator que torna as ilhas linguísticas mais difusas ou descontínuas são os casamentos interétnicos. Siebenhaar (2004, p. 21) também destaca a escolha de outra religião por parte dos falantes da geração mais jovem. Com tudo isso, os menonitas já não conseguem se manter unidos em sociedade sem a influência francesa. Estes fatores, por exemplo, também ocorreram no Brasil com os imigrantes hunsriqueanos, boêmios, vestfalianos e outros grupos de imigração.

O sistema educacional pode ser um fator importante para a perda ou a manutenção de línguas minoritárias, como acabamos de ver acima. Interessante observar em Berend (2006) que algumas características descritas em ilhas linguísticas de alemães na Rússia e na antiga União Soviética dos séculos XIX e XX se parecem com a ilha linguística de minorias alemãs no Brasil. Por exemplo, a questão da língua ensinada nas pré-escolas: tanto na Rússia como no Brasil as crianças são inseridas no sistema educacional para aprender ou aprimorar a língua majoritária e não a língua que aprenderam no âmbito familiar. Esta pode parecer uma característica mais do que evidente do fim anunciado para as áreas bilíngues, caso nada seja feito para preservar as línguas minoritárias.

Berend (2006, p. 77) aproveita a definição de Wiesinger (1983) que conceitua ilha linguística como uma pequena comunidade de fala inserida em outra comunidade linguística bem maior, conforme já citado por Rosenberg (2003). As ilhas linguísticas alemãs na Rússia permaneceram estáveis por aproximadamente 150 anos. No entanto, segundo a autora, durante a Segunda Guerra Mundial estes agrupamentos foram desmembrados e, no período pós-guerra, não voltaram a se unir. No Brasil tivemos a Ditadura Militar (1964 – 1985) que reforçou o silenciamento dos falantes de outras línguas, mas não conseguiu acabar totalmente com a união dos imigrantes que conseguiram preservar em partes a cultura e a língua. Desde 1824, ano da chegada dos primeiros imigrantes alemães ao Rio Grande do Sul, já atingimos a sexta geração que mantém a cultura alemã e, principalmente, a língua. Nos últimos anos isso vem sendo

realizado por meio de políticas linguísticas¹⁰ que se esforçam para cooficializar as línguas de imigração no Brasil.

Porém, sob o ponto de vista de Eichinger (2003, p. 83), ilha linguística é uma comunidade pequena de falantes que interagem entre si com a variedade que sobreviveu há mais de três gerações. E esta ilha também deve se encontrar em uma situação de contato linguístico. Contudo, como nos contatos linguísticos também há diversidade linguística, o autor questiona o modelo de Mattheier sobre a forma generalizada de denominar fenômenos específicos de ‘ilha linguística’.

Entende-se a partir do artigo de Eichinger que cada local possui uma ilha linguística específica e com características individuais. Portanto, não podemos considerar que qualquer língua ou variedade possa formar uma ‘ilha linguística’ pelo fato de ter sobrevivido por mais de três gerações. Tudo isso precisa ser levado em consideração na hora de observar uma comunidade de fala. No entanto, o autor ainda afirma que esta terminologia é específica em casos de línguas minoritárias ou de variedades formadas por línguas históricas, como por exemplo, a partir do inglês, do alemão e do Francês.

Riehl (2010) critica Mattheier¹¹, pois a definição dele também já não contemplaria o que se entende por ilha linguística. Riehl (2010, p. 334) defende que há duas características principais que auxiliam na definição de *ilha linguística* ou *espaço linguístico descontínuo*:

a) isolamento espacial e linguístico,

b) quando o grupo de falantes têm consciência de que é diferente dos demais grupos linguísticos.

Segundo a autora, ocorre uma situação especial quando uma ilha linguística se encontra dentro de um espaço considerado de outras línguas. Percebe-se que este fenômeno linguístico depende dos diferentes contextos em que a língua está inserida. No entanto, torna-se ainda mais difícil definir o que é ilha linguística quando temos uma comunidade que compartilha várias línguas e já não vive mais de forma isolada. Talvez poderia-se definir este caso como “ilha dialetal” (RIEHL, 2010), lugar onde vários dialetos da mesma origem se encontram e são falados no cotidiano.

Para entender melhor o contexto linguístico referido neste estudo foi elaborada uma imagem (conferir Fig. 01) a partir do que entendi sobre as ideias expostas por Riehl (2010) referentes à ilha linguística, mais precisamente *espaço linguístico descontínuo*.

¹⁰ Para mais informações conferir a página do Instituto de Investigação e desenvolvimento em Política Linguística (IPOL): <http://e-ipol.org/a-politica-de-cooficializacao-de-linguas-por-municipios-e-suas-potencialidades/>. Acesso em 22/11/2016.

¹¹ “Uma ilha linguística não pode ser definida somente em termos e critérios linguísticos ou dialetológicos. A principal característica é uma “assimilação atrasada” e o fator das atitudes dos falantes em relação à maioria linguística” (MATTHEIER 1994, p. 335 *apud* RIEHL, 2010).

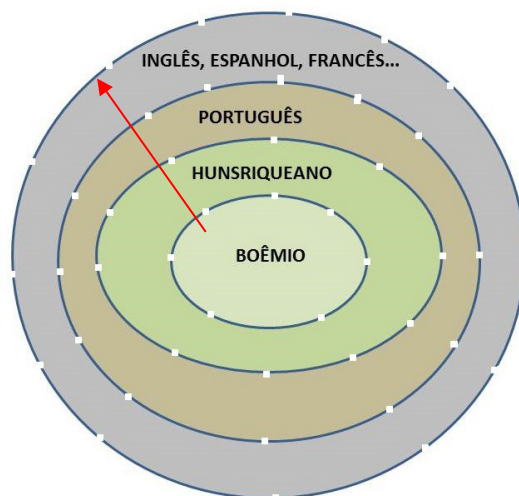


Figura 01: Figura elaborada pela autora deste trabalho a partir da definição de espaços linguísticos descontínuos de Riehl (2010). Fonte: (adaptado de HABEL, 2014, p. 30).

Os falantes boêmios sempre foram minoria na comunidade em estudo, por isso, surge a necessidade de falar uma língua majoritária. Como podemos visualizar na imagem acima, tem-se, inicialmente, a língua hunsriqueana como língua majoritária. Já em locais mais urbanizados, como no comércio e na escola, a língua portuguesa assumiu o papel de língua majoritária para as duas variedades dialetais.

Na tentativa de entender melhor esta imagem sobre possíveis ilhas linguísticas ou territorialidades em cidades do Rio Grande do Sul, podemos visualizar que há um movimento do centro para fora (marcado com uma seta e diversos pontos em branco que marcam a descontinuidade do que era considerado uma ‘ilha linguística’), ou seja, os falantes de línguas menores procuram aprender línguas maiores, ou ainda, línguas de maior prestígio. No entanto, este processo dificilmente ocorre na direção inversa, ou seja, grupos de línguas majoritárias que queiram aprender uma língua minoritária. Seguindo esta lógica, as línguas de minorias parecem ter seu fim anunciado pelas necessidades comunicativas de seus falantes e também devido ao desprestígio.

A constante diminuição do uso de variedades dialetais faladas em ilhas linguísticas da Europa Oriental também já foi anunciada por Riehl (2010). Estes grupos teriam sido prejudicados devido às guerras e a consequente expulsão de populações da língua alemã (RIEHL, 2010, p. 340). A autora ainda pontua as três principais consequências para a extinção de dialetos:

1) emigração de colonos alemães e imigração de falantes de língua majoritária, facilitando o contato linguístico e *Code-switching*;

2) as diferentes variedades utilizadas em novos contextos de contato e a convergência de dialetos;

3) aumento dos casamentos interétnicos e, conseqüentemente, mais crianças monolíngües.

A situação linguística que se configura em Paverama (comunidade de fala em estudo) e, possivelmente, também em outras cidades do Rio Grande do Sul que ainda possuem a presença de descendentes de imigrantes boêmios é de uma área dialetal com mesclas de diversas variedades em contato. Estes contatos são uma mistura (*Sprachmischung*) entre variedades minoritárias e língua majoritária. Neste espaço o uso da variedade boêmia é restrito porque adquiriu formas das línguas do entorno. Já a variedade hunsriqueana é de uso dominante no entorno se comparado à variedade boêmia, mas também com influências do português local. Apesar do português dominar as línguas minoritárias, ele também está como dominante em relação às línguas estrangeiras (inglês, espanhol e francês) que tentam seu espaço por meio do ensino, como podemos acompanhar abaixo:

Nas escolas municipais e estaduais do município não se tem o conhecimento necessário para trabalhar a questão dos contatos linguísticos existentes e, por isso, geralmente se opta entre o ensino da língua inglesa e do espanhol. Porém as instituições públicas não devem ignorar as línguas pré-existentes nas comunidades. As escolas municipais em conjunto com as comunidades escolares possuem a autonomia, segundo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases – Lei 9394/96) para adaptar o currículo da escola conforme a necessidade de cada comunidade escolar. (HABEL, 2014, p. 16).

Com os anos de convívio na comunidade e, recentemente, com a realização de observações de campo, se observa que os falantes do boêmio não conseguiram manter a sua língua e, em partes¹², se assimilaram linguisticamente e geograficamente com os hunsriqueanos. A ilha dialetal que ali se formou entre hunsriqueanos e boêmios não vive isolada, nem fechada para outros contextos, tanto que surgem cada vez mais casamentos interétnicos, sendo crescente a saída da população jovem para as grandes cidades em busca de trabalho e de ensino superior.

Por fim, percebe-se que o termo ‘ilha linguística’ já não é mais suficiente para esclarecer este complexo sistema linguístico que se formou em meio aos contatos interdialetais. Talvez seja muito mais coerente dizer que são territorialidades linguísticas (ALTENHOFEN, 2014) ou áreas dialetais difusas, onde predomina o plurilinguismo e o constante contato linguístico entre as variedades alemãs, o português como língua oficial e, na escola, as línguas exigidas pelo currículo escolar.

¹² Mais entrevistas sociológicas serão realizadas em breve para saber em que estágio a variedade linguística dos boêmios se encontra.

Em todo caso, também não podemos ignorar as variedades da língua portuguesa que possuem influências das línguas de imigração. O português ensinado nas escolas já possui interferências do contato linguístico, conforme a citação abaixo.

O reconhecimento de territorialidades de usos e domínios de determinadas variantes e variedades ajuda a ampliar nossa compreensão sobre os significados que os falantes atribuem a esses usos e como eles se difundem como práticas coletivas de uma comunidade de fala, a exemplo do que está na origem da formação do próprio português falado no Brasil. (ALTENHOFEN, 2014, p. 97).

Segundo Altenhofen (2014), seria promissor para a compreensão das línguas e para o ensino do português, ou ainda do alemão padrão (*Hochdeutsch*), se a comunidade escolar reconhecesse as variedades faladas em seu entorno. Melhor ainda, para uma formação mais plural e para a formação de jovens mais conscientes linguisticamente, seria o ensino de várias línguas e não somente do português. Nestes contextos de contato linguístico não se deveria excluir as línguas minoritárias da escola, pois elas são parte da formação do indivíduo em sociedade e se reorganizam conforme a suas necessidades, podendo ocupar um *status* de língua majoritária com o passar do tempo, como veremos na sequência.

3. Territorialidades e sua definição

Inicialmente, para entendermos a ocupação de espaços por diferentes grupos migratórios no Rio Grande do Sul, necessitamos esclarecer o que é um território e o que se entende por territorialidade. No entanto, para esclarecer melhor o lugar que as línguas minoritárias ocupam em relação à(s) língua(s) majoritária(s), Altenhofen (2014, p. 71) interpreta o sistema das línguas como “dinâmico”, o qual se reorganiza conforme os fatores sociais encontrados em dada comunidade de fala.

Se as línguas se reordenam ou mudam de *status* com o passar do tempo, também necessitamos atualizar nossas concepções em relação ao complexo sistema linguístico que se apresenta no sul do Brasil. Por isso, interpretamos este contexto como um local (espaço) apropriado para o uso de determinada língua, seja ela minoritária ou majoritária ou oficial. Como exemplo, podemos nos utilizar dos usos de fala dos boêmios (*Böhmen*), os quais utilizam sua variedade linguística nas rodas de conversa com amigos e não necessariamente em casa, no âmbito familiar. Ao se comunicar em espaços mais amplos, por exemplo, em festas da comunidade onde residem, estes

falantes utilizam a variedade hunsriqueana (*Hunsrückisch*) ou o português local (HABEL, 2014). Com isso, a meu ver, não podemos mais denominar estas áreas de ilhas linguísticas e olhá-las como um grupo isolado e uniforme.

As áreas linguísticas no Rio Grande do Sul, mais especificamente em Paverama, estão cada vez mais difusas, o que pode ser comprovado, por exemplo, com os casamentos interétnicos entre hunsriqueanos e boêmios e as mudanças de domicílio por parte dos seus falantes. Para tanto, seguimos a concepção de Altenhofen (2014, p. 73) que entende o conceito de territorialidade como “o espaço de uso real” de uma variedade linguística. No entanto, para melhor interpretar estes contatos linguísticos, o autor ainda define os termos *território*, que representa a base físico-geográfica, e *territorialização*, que é o ato de ocupar territórios e de definir essas territorialidades.

Por fim, vale mencionar que acontece, segundo Altenhofen (2014, p. 74), a territorialização da variação linguística (variantes linguísticas) e da diversidade linguística (variedades linguísticas). Neste contexto, o autor acima referido define o espaço como pluridimensional, tendo em vista a dimensão diastrática (classe social), dimensão diageracional (faixa etária), dimensão diagenérica (gênero), dimensão dialingual (pluralidade de línguas e de contatos), entre outras dimensões que influenciam a variação linguística.

Na ocupação do território brasileiro há dois tipos de territorialização linguística reconhecidos como *territorialização horizontal* e *vertical* (ALTENHOFEN 2014, p. 80). A territorialização horizontal surge com as migrações de grupos para áreas novas e a territorialização vertical ocorre sobre outra territorialidade.

No processo de territorialização horizontal podemos citar como exemplo a língua de colonização, que no Brasil ficou a cargo da língua portuguesa. Altenhofen (2014, p. 82) identifica o português como principal língua que “se sobrepôs vorazmente às territorialidades indígenas, que foram drasticamente destituídas ou removidas”. Neste caso, entendemos que a territorialização horizontal ocorre em espaços de menor densidade ocupacional, ou seja, a ocupação ocorre de forma mais rápida e eficiente.

Pode-se dizer que a sobreposição do português sobre territorialidades já existentes constituídas por línguas minoritárias indígenas representa (assim como no passado, para as línguas africanas) um exemplo de territorialização vertical, uma vez que o português se coloca no lugar de uma territorialidade já constituída ou em vias de se instaurar. A verdade é que a territorialização horizontal se dá na direção de vazios ou territorialidades mais ou menos esparsas, com menor densidade de ocupação do espaço. Ou seja, ela se vale das brechas ou lacunas que determinada territorialidade coloca em evidência. Por outro lado, a territorialidade vertical implica no contato entre forças antagônicas que disputam o mesmo espaço. (ALTENHOFEN, 2014, p. 83).

No caso da territorialização vertical ocorre a territorialização sobre uma territorialidade já estabelecida, como no caso dos grupos de línguas de imigração, a exemplo dos boêmios, ou ainda, dos vestfalianos. Para entender melhor este contexto, temos o exemplo da chegada dos imigrantes boêmios por volta de 1870 ao sul do país. Este grupo se estabeleceu em áreas já territorializadas pelos imigrantes hunsriqueanos que já estavam fixados desde 1824, por exemplo, no Rio Grande do Sul.

Veremos abaixo a ocupação dos espaços linguísticos na comunidade de fala em estudo, localizada na zona rural de Paverama. A cidade possui aproximadamente 9.000 habitantes e se localiza na região do Vale do Taquari, RS¹³.

4. Contexto linguístico em Paverama

A cidade de Paverama está localizada a uma distância aproximada de 100 km da capital gaúcha e está entre os trinta e seis municípios que formam o Vale do Taquari, conforme podemos acompanhar na figura a seguir. Apesar da diversidade linguística presente na região, a variedade hunsriqueana é a língua que predomina enquanto língua brasileira de imigração.

¹³ IBGE 2010. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=431415>. Acesso em: 02/08/2016.

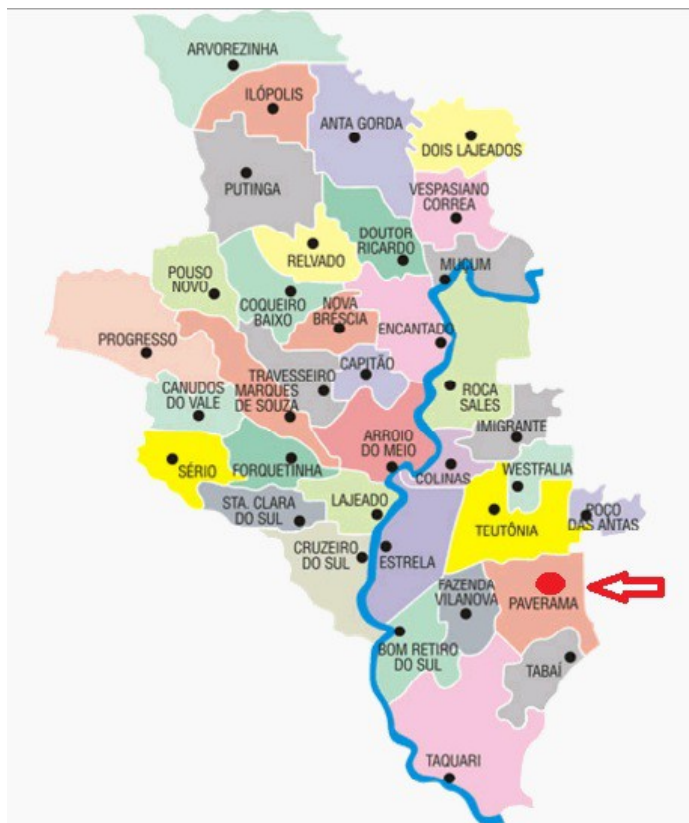


Figura 02: Representação das cidades que compõem a região do Vale do Taquari¹⁴.

Paverama é uma cidade que se emancipou em 1988 de Taquari. A ocupação pelo homem branco, segundo o IBGE¹⁵, ocorreu no século XVIII com a chegada dos açorianos. Já os alemães, oriundos de São Leopoldo (das colônias velhas), se fixaram por volta de 1860 ao lado Norte de Paverama.

Embora os boêmios sejam de um contexto étnico relativamente homogêneo, são vistos pelos hunsriqueanos como um grupo que “fala um tipo de alemão diferente”, como podemos ver abaixo. Assim também ocorre a percepção quanto à fala dos hunsriqueanos que apresentam mais variação linguística devido a sua região de origem.

Contudo, observo enquanto falante da língua hunsriqueana que muitos dos moradores de Linha Brasil, em Paverama, falam uma língua diferente, a qual tem suas variações e peculiaridades. Os falantes do hunsriqueano

¹⁴ Disponível em: http://lajeadors.blogspot.com.br/2011/11/codevat-20-anos_14.html. Acesso em 10/08/2016.

¹⁵ IBGE 2010. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=431415&search=||inifogr%E1ficos:-hist%E3rico>. Acesso em 07/08/2016.

denominaram esse outro grupo de falantes da variedade alemã de *Die Österreicher*; ‘os austríacos’ (HABEL, 2014, p. 15).

Existe, em Paverama, uma comunidade nomeada de *Österreich* ‘Linha Brasil’ pelos falantes da comunidade de fala, na qual predominam os imigrantes boêmios e a comunidade denominada de *Russland* ‘Santa Manoela’, na qual predominam os imigrantes hunsriqueanos. Ambos os grupos se definem “diferentes” quando se referem à língua que falam. Neste caso, a territorialização dos imigrantes boêmios se deu de forma pacífica e sem a imposição da variedade linguística de um grupo ou de outro. Os boêmios passaram a utilizar uma coíne para interagir com os hunsriqueanos em momentos específicos, como em datas comemorativas e festivas, mas ambos em suas territorialidades inicialmente bem definidas.

No início da colonização de Paverama, o território ao sul (localidade de Morro Bonito) era ocupado por indígenas, como podemos acompanhar na citação a seguir. Acredita-se que eram índios Patos, os quais habitavam as margens do Rio Taquari¹⁶.

Muito antes da colonização as terras do hoje município de Paverama foram marcadas pela presença primitiva dos indígenas que, supõe-se, eram os mesmos que habitavam as margens do Rio Taquari, os índios Patos, e que foram aos poucos, embrenhando-se pelo interior, onde deixaram vestígios de sua passagem. Há em Morro Bonito uma gruta com curiosos e numerosos desenhos gravados em disposição sistemática nas lajes duras de arenito dando impressão de um mapa de aldeamento primitivo, bem como foram achados restos de cerâmica de utensílios indígenas e uma machadinha de pedra. (IBGE, 2010).

Como não há museu no município, não se sabe ao certo onde estão estes objetos acima descritos pelo IBGE. Atualmente, a área foi tomada pelo mato e assim se silenciou mais uma história de uma comunidade indígena. Neste contexto, o português se sobrepôs às territorialidades indígenas e foi expulsando o grupo pioneiro daquele território. Segundo Marques (2010), o grupo que territorializou a região sul de Paverama foi de açorianos oriundos da cidade de Taquari, RS. Eles fixaram território e, atualmente, seus ascendentes continuam vivendo em contato com as comunidades das línguas de imigração dos boêmios, hunsriqueanos, vestfalianos e afrodescendentes.

No mesmo *site* do IBGE consta que no lado nordeste de Paverama (nas localidades de Santa Manoela e Morro Azul), ocorreu a colonização por parte dos

¹⁶ Visitei o local com a escola de ensino infantil de Santa Manoela onde estudava na época e tive a oportunidade de ver um cenário da maneira como foi descrito no *site* do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Fonte: IBGE 2010. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=431415&search=||infogr%E1ficos:-hist%F3rico>. Acesso em 02/08/2016.

alemães oriundos entre 1860 e 1875 de São Leopoldo (as chamadas colônias velhas). Já os falantes de boêmios se localizam mais ao norte de Paverama, na comunidade de Linha Brasil, divisa com Teutônia, RS.

Wallauer (2013, p. 128) destaca alguns aspectos relevantes da cultura africana e afro-brasileira em comunidades do lado oeste de Paverama. As pesquisas de Wallauer (2013) ainda atestam a existência de bielorrussos e de vestfalianos (na divisa com Fazenda Vilanova, RS). Estes exemplos, que não são restritos somente ao local em estudo, confirmam ainda mais o plurilinguismo presente no Brasil como se pode visualizar na figura abaixo.

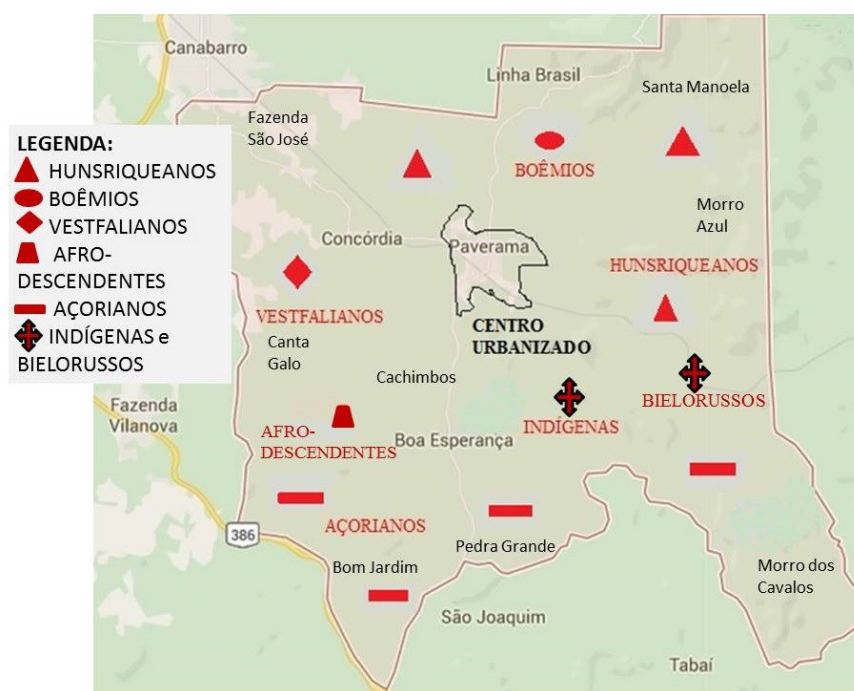


Figura 03: Representação desenvolvida pela autora deste trabalho das territorialidades linguísticas em Paverama / RS sobre a base cartográfica do IBGE¹⁷. Fonte: (IBGE, 2010).

Este território que possui aproximadamente 172 km² também recebeu influências de outros grupos étnicos, como franceses, holandeses, suíços e italianos, segundo Wallauer (2013). Embora estes grupos tenham se aculturado aos hunsriqueanos, ainda se percebe resquícios destes povos quando observamos os sobrenomes de algumas famílias ou, até mesmo, as inscrições de placas ou de lápides.

¹⁷ Dados inseridos na figura pela autora deste texto. Base cartográfica acessada em 08/07/2016. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Paverama+-+RS/@-29.5810064,-51.8891093,11z/data=!4m2!3m1!1s0x951c74579767dbf7:0x1282d983e3931bc8>. Acesso em: 08/07/2016.

Acredita-se que os boêmios tenham vivido por um tempo em uma espécie de ilha linguística, mas atualmente se percebe a formação de territorialidades mais difusas e abertas. Porém, os encontros dos diferentes grupos linguísticos acontecem no centro da cidade, ou seja, no núcleo urbano, no qual a língua majoritária, o português, se sobressaiu em relação às outras variedades consideradas minoritárias.

5. Considerações finais

O principal fator envolvido na manutenção da língua em ilhas linguísticas foi definido, principalmente, pelo “isolamento” da comunidade de fala que vivia no meio rural, de certa forma “ilhada” durante um tempo prolongado. O acesso restrito ao ensino superior (ainda hoje em Paverama) e a chegada tardia do rádio e da televisão em função da falta de eletricidade permitiu um contato local maior entre as pessoas, o que fortalecia os laços familiares e comunitários. Porém, o que também fortalecia estas comunidades linguísticas era o contato com a matriz de origem em função da questão religiosa, já que muitos pastores vinham da Alemanha para trabalhar nas comunidades luteranas do Brasil. Ao desenvolver esta pesquisa percebeu-se que estas foram características importantes para que os grupos minoritários de boêmios e de hunsriqueanos mantivessem suas variedades linguísticas por mais tempo.

Atualmente, com a inserção de novas tecnologias no campo, com o acesso às mídias (principalmente à internet e TV a cabo) e com a continuidade do contato entre a comunidade de fala local e a matriz de origem (seja por fatores turísticos ou econômicos) podem aumentar as variações linguísticas ou a escolha por línguas que possuem maior prestígio. Além disso, há os fatores sociais que contribuem para a mudança da língua, como os casamentos entre diferentes etnias ou a mudança de domicílio, principalmente pelos mais jovens que vão para as grandes cidades em busca de melhores condições de vida.

No caso das comunidades de fala formadas pelos boêmios tem-se o contato com outras etnias, as quais não possuem uma variedade homogênea. A comunidade boêmia se autodefine como um grupo diferente em meio aos hunsriqueanos e / ou vestfalianos, e assim é reconhecida localmente. Além do mais, algumas comunidades como a de Nova Petrópolis e de Venâncio Aires (que ainda serão estudadas futuramente) possuem contato ainda hoje com a matriz de origem (atual República Tcheca). No caso da comunidade de boêmios localizada em Paverama, este contato foi iniciado também, ou, ao menos, podemos confirmar que houve uma tentativa de intercâmbio através de viagens para a região da Boêmia, na República Tcheca.

Ainda pode-se confirmar que esta comunidade de fala possui, no mínimo, o conhecimento de três línguas (boêmio, hunsriqueano e português). Com estas características, preferimos optar pelo termo ‘espaço ou territorialidade multilíngue’ para descrever a comunidade linguística referida acima. No entanto, vale salientar que a definição de determinado processo linguístico nas comunidades de fala brasileiras dependerá muito mais do seu contexto social e linguístico do que de algum termo já estabelecido na área da sociolinguística europeia ou americana. Por fim, este estudo surgiu para dar sua contribuição nas pesquisas sociolinguísticas e para instigar maiores reflexões sobre o real contexto linguístico encontrado no Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart, Steiner, 1996.

_____. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. In: Revista de Letras Norte@mentos, Sinop, v. 6, p. 19-43, 2013. Disponível em: <http://projetos.unemat-net.br/revistas_eletronicas/index.php/norteamentos> Acesso em 20/08/2016.

_____. O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. In: FERNÁNDEZ, Ana Lourdes da Rosa N. Brochi; MOZZILLO, Isabella; SCHNEIDER, Maria Nilse & URUGUAY, C. Gonzales (orgs.). *Línguas em contato: onde estão as fronteiras?* Pelotas: Editora UFPel, 2014.

BEREND, Nina. *Zu Geschichte und Gegenwart der deutschen Sprachinseln in Russland und der ehemaligen Sowjetunion*. Peter Lang: Frankfurt am Main, 2006. Disponível em: <<http://ids-pub.bsz-bw.de/frontdoor/index/index/docId/2867>>. Acesso em: 20/07/2016.

EICHINGER, Ludwig M. *Island Hopping: vom Nutzen und Vergnügen beim Vergleichen von Sprachinseln*. Kiel, 2003. Disponível em: <http://ids-pub.bsz-bw.de/files/1662/Eichinger_Island_Hopping_Vom_Nutzen_und_Vergnügen+des+Vergleichen_von_Sprachinseln_2003.pdf>. Acesso em 22/07/2016.

GÄELZER, Vejane. *Sprachmischung: relação entre sujeito, língua e história*. In: Conexão Letras – História das ideias: nos domínios da língua(gem). Volume 08, número 10, 2013, p. 127-142.

GILLES, Peter. *Die konstruktion einer Standardsprache. Zur Koinédebatte in der luxemburgischen Linguistik*. In: Dialektologie zwischen Tradition und Neuansätzen. Beiträge der Internationalen Dialektologentagung. Göttingen, 1998, p. 19-21.

HABEL, Jussara M. Fundamentos para um estudo da(s) língua(s) dos imigrantes boêmios no Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso orientado por Prof. Dr. Cléo V. Altenhofen; 68folhas; 2014. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/115688/000956575.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 08/08/2016.

HABEL, Jussara M. Mapeamento de comunidades boêmias no Rio Grande do Sul. In: IHGRGS – Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, número 150, páginas 115-134, maio 2016. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/revistaihgrgs/article/view/61621/38007>>. Acesso em: 12/08/2016.

KOCH, Walter. *Deutsche Sprachinseln in Südbrasilien. Möglichkeiten und Probleme Ihrer Untersuchung*. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald (Hrsg). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verlag, 1996, S. 307-322.

RIEHL, Claudia Maria. *Discontinuous language spaces (Sprachinseln)*. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds.). *Language and space: theories and methods* (HSK 30.1). Berlin/New York: de Gruyter, 2010, p. 332-354.

MARQUES, Marli Pereira. Sinais culturais açorianos em Taquari. TCC, Unisinos, 2010. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/38015271/TCC-Marli-Pereira-Marques-Historia-Unisinos-22>>. Acesso em: 10/08/2016.

ROSENBERG, Peter. *Vergleichende Sprachinselforschung: Sprachwandel in deutschen Sprachinseln in Russland und Brasilien*. *Linguistik online* 13, 1/2003 (Frankfurt/Oder). Disponível em: <http://www.linguistik-online.de/13_01/rosenberg.html>. Acesso em: 05/07/2016.

SANTOS, Fabiane dos. A construção do inimigo: é tempo de guerra, medo e silêncio. In: *Revista Santa Catarina em História - Florianópolis - UFSC – Brasil*, v.1, n.2, 2007, p. 64-72. Disponível em: <<http://nexus.ufsc.br/index.php/sceh/article/viewFile/34/113>>. Acesso em 15/08/2016.

SIEBENHAAR, Beat. *Die deutschen Sprachinseln auf den Jurahöhen der französischsprachigen Schweiz*. In: *Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik* 71, S. 180–212, 2004. Disponível em: <http://home.uni-leipzig.de/siebenh/pdf/siebenhaar_2004_sprachinsel.pdf>. Acesso em: 15/07/2016

WALLAUER, Erno. Paverama: Anotações sobre o povo e a cultura. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2013.